

A QUALIDADE E A PERSISTÊNCIA DAS AQUISIÇÕES IDENTITÁRIAS DOS ASSISTENTES SOCIAIS EM PORTUGAL¹.

Maria de Lurdes Fonseca – ISCSP-UTL

Rute Roda – FP-UL

1. CONTEXTUALIZANDO O PROBLEMA.

1.1. Introdução.

Dir-nos-á a economia que um mundo de recursos escassos é necessariamente um mundo de escolhas, isto é, um mundo alinhavado em torno da irreduzível necessidade da concessão ante o custo de oportunidade. Assim é, de facto, e a ciência, parte do mundo, não é naturalmente imune a esse natural estado de coisas. Em ciência, aliás, o drama que a escassez implica agudiza-se desde logo pelo gigantismo da empreitada autoproposta – naturalmente, quanto maior o caminho que medeia entre um princípio e um fim, mais se manifestará o custo da concessão por efeito de acumulação através do articulado que concretiza o meio, simplesmente porque não haverá como limitar em projetos longos e ambiciosos a multiplicação da necessidade da escolha. Fôssemos todos génios, possuidores de tempo ilimitado, de capacidades perenes e de recursos infinitos e a escolha não se poria. Como não é esse o caso, a necessidade da escolha e da seleção de uma metodologia para a sua realização colocou-se, coloca-se e tem efeitos não despidendos na atividade científica.

A escolha mais essencial da ciência, num mundo que é o da escassez e o do compromisso, é aquela que se desenha na alternativa entre generalização e especialização. Na senda de conquistar o desconhecido, a ciência não deixou nunca de almejar ao pleno: à especialização na especialidade e à especialização na generalidade, como caminho para, no (re)encontro de ambas, verdadeiramente conhecer. Contudo, por melhores que sejam os intuitos, demasiadas vezes as práticas se vêm aquém deles. É o princípio *divide et impera* tem custos gerais, como os da tendência para a compartimentalização ou para o oposicionismo, assim como custos particulares, em especial para algumas temáticas como aquelas que melhor se acomodam nas fronteiras das especialidades ou na transversalidade através delas, e que, conseqüentemente, ao posicionarem-se em “território de ninguém” ou em território especialmente propício ao conflito (e à acrescida complexidade), sofrem tanto da tendência à desvalorização como do risco incrementado de inadequado tratamento teórico. Seria especialmente eficaz o princípio de “dividir para conquistar” se, à semelhança da empreitada guerreira, fosse a ciência um empreendimento diretivo, global, homogeneamente regulado e transversalmente hierarquizado. Nesse caso, as suas escolhas, necessárias, ganhariam o potencial maior de tenderem quer para a maximização da racionalidade e da coerência, quer para fazer revelar economias nos custos associados à escassez, o que não deixaria de contribuir de modo mais expedito, eficiente e eficaz para o alcance do objetivo

¹ Texto provisório (Novembro de 2011) referente a Comunicação a apresentar ao 2º Congresso Internacional de Serviço Social promovido pela Universidade Lusíada. Antes de citar, contactar por favor os autores, para aceder ao texto publicado final: mlfonseca@iscsp.utl.pt, ruteroda@sapo.pt.

em última instância visado: encurtar o caminho que eventualmente conduzirá à realização cabal do conhecimento.

De facto, verificamos que a especialização fez-se e faz-se em ciência mais ao sabor do contexto histórico, da oportunidade teórica e do interesse pontual (muitas vezes claramente egoísta), que ao sabor do que seriam os interesses unificados e potencialmente unificantes, a que a especialização, que tem o intuito final da reunião globalizante, deveria estar indelevelmente subordinada. Nalguns casos, naturalmente, por motivos intrínsecos e/ou contextuais, os custos de uma irracional especialização são muito maiores que noutros. Em Sociologia, poucas questões são tão afetadas negativamente pela dispersão dos princípios da escolha especializadora e pela atomização das especializações que a sociologia das questões laborais. Neste caso, tradições teóricas de base muito distinta, especificidades socioculturais muito significativas, particularismos sociolinguísticos relevantes, conceptualizações político-administrativas particulares e até interesses emancipatórios sociais privados, conduziram facilmente a uma multiplicação especialmente ampla de especialidades dedicadas a tratar exatamente as mesmas temáticas, o que não deixou de atrasar o avanço no seu entendimento.

Ora, naturalmente esse panorama traçado ao nível das especialidades sociológicas laborais acarretou consequências para o estudo das diversas temáticas laborais especializadas, a análise das identidades profissionais incluída.

O estudo da identidade profissional, de facto, foi vítima nessa esteira da irracionalidade especializadora, por duas razões essenciais: porque a sua integridade ontológica saiu comprometida pelo arranjo especial das disciplinas que lhe são afins, isto é, porque a sua unidade resultou fragmentada do mosaico de interesses e contextos particulares que caracterizaram cada especialidade proposta, e porque as lógicas socio-históricas do desenvolvimento das disciplinas especializadas científicas e a distinção dos seus carizes teóricos e aplicados, têm contribuído para uma especial dispersão de esforços analíticos. Depois, ao ser um tema de qualidade especialmente “transfronteiriça”, isto é, um objeto analítico especialmente talhado para a exigência da interdisciplinaridade e da interespecialização, o estudo sociológico da identidade profissional não conseguiu evitar ser afetado por um atraso teórico e empírico especialmente relevante face a temáticas laborais mais facilmente acomodáveis à especialização efetivamente traçada, isto é, mais claramente “intra-fronteiriças”.

1.2. Os enclaves da análise sociológica laboral e as consequências para o estudo identitário profissional.

Começamos por analisar a razão mais ampla que vitimou a análise sociológica da identidade profissional: a fragmentação das especializações laborais em Sociologia, isto é, a fragmentação institucional do enquadramento científico que analisou o problema.

São duas, ou melhor quatro, se olharmos com maior especificidade, as principais tradições analíticas da análise sociológica laboral que interessam

destacar a propósito da temática específica que nos ocupa. Duas: a de inspiração anglo-saxónica e a de inspiração europeia (de facto europeia continental polarizada em França). Quatro: duas que se enquadram na primeira inspiração: a Sociologia Industrial e a Sociologia das Profissões, e duas que se enquadram na segunda: a Sociologia do Trabalho e o que chamaremos de Accionalismo “Idealista” (também chamado de pós-marxista). Desenvolveram-se estas quatro contrapondo-se a par, cada uma na sua margem do Atlântico e no seu tempo específico: a Sociologia Industrial americana anteposta à do Trabalho francesa (essencialmente no segundo quartel do século XX) e a Sociologia das Profissões americana anteposta ao Accionalismo “Idealista” francês (particularmente no terceiro quartel do século XX).

Mais recentemente, com especial interesse para a análise da identidade profissional, há a destacar o desenvolvimento do que baptizámos como um Microculturalismo laboral traduzido nas incursões mais recentes (e influentes) da sociologia laboral francesa e que se tem procurado unificar à Sociologia das Profissões que não cessou de florescer desde a sua fundação funcionalista parsoniana (no início dos anos 30 do século passado). Trata-se das correntes que coexistem hoje como referenciais fundamentais da análise da identidade profissional e que assim se posicionaram desde a última década do século XX.

Será fácil entender a que nos referimos quando falamos das quatro escolas citadas e ao Microculturalismo laboral que acrescentámos, se identificarmos as suas lideranças principais: Sociologia Industrial herdeira de Adam Smith, Charles Babbage, Frederick Winslow Taylor e Jules Henri Fayol, polarizada em Elton Mayo; Sociologia do Trabalho herdeira de Karl Marx e Pierre-Joseph Proudhon e de um pendor historicista economicista, aberta em especial pelo *Traité* (1961-2) de Georges Friedmann e Pierre Naville; Sociologia das Profissões fundada nas escolas clássicas de Talcott Parsons e Everett Cherrington Hughes e amadurecida em especial no triângulo Eliot Freidson, Magali Sarfatti Larson e Andrew Abbott; e Accionalismo “Idealista” polarizado em torno da influência determinante de Alain Touraine na sociologia francesa renascida do pós-Segunda Guerra Mundial. Por fim, é a escola de inspiração culturalista de Claude Dubar (pontualmente com Pierre Tripier), fortemente inspirada no seu culturalismo em Renaud Sainsaulieu e realizada em torno de uma interpretação particular, qualitativa e etnobiográfica da *grounded theory*, que referimos na essência, quando falamos em Microculturalismo laboral. Naturalmente deixamos de fora vultos importantes da análise sociológica laboral e outros que a influenciaram no âmbito das suas construções provenientes de outras especializações (como George Herbert Mead, Erving Goffman, Pierre Bourdieu ou Jürgen Habermas), mas não contributos determinantes para a análise especializada da temática que neste momento nos ocupa, cremos.

É curioso constatar que uma sociologia continental europeia que sempre tendeu para a macrosociologia é hoje a principal representante da macrosociologia laboral (o que não passa sem crítica interna - cf. Gaulejac, 2001), quando a sua contraparte além-Atlântico se movimenta antes no sentido de um cada vez maior alcance em escopo, ainda que se mantenha essencialmente

mesossociológica, por ser exatamente isso que, tipicamente, a Sociologia das Profissões de hoje é.

Porque dizemos ser esta história um obstáculo? Pela especial fragmentação das análises da identidade profissional que levaram a estudos dificilmente intercomunicantes, claramente circunscritos e pouco ou nada sinérgicos, porque enraizados em pressupostos, interesses e pendores demasiado contrastantes. O quadro abaixo explica essa fragmentação:

Tradição	Liderança principal	Tónica	Pendor
Sociologia da Indústria	Mayo	Mesosocial (de tendência micro)	Orientação economicista, racionalizadora.
Sociologia do Trabalho	Friedmann	Mesosocial (de tendência macro)	Orientação positivista, de determinismo tecnológico.
Sociologia das Profissões	Freidson	Mesosocial	Pendor sistemático, político e operativo coletivo.
Accionalismo "ideológico"	Touraine	Macrossocial	Ideológico, de economia política.
Microculturalismo laboral	Dubar	Microsocial	Pendor culturalista, etnográfico, fenomenológico.

Tradição	Identidade profissional	Identidade conflitual identitária
Sociologia da Indústria	Negociada	Não. Identidade decorrente da complementaridade no sistema produtivo.
Sociologia do Trabalho	Herdada	Não. Identidade herdada do contexto emergente do condicionante tecnológico.
Sociologia das Profissões	Negociada	Sim. Identidade negociada com o Estado, o cliente e as restantes profissões.
Accionalismo "ideológico"	Herdada	Sim. Identidade decorrente da qualidade conflitual social pós-industrialista.
Microculturalismo laboral	Construída	Sim. Identidade deriva do contraste intra-profissional e do contexto pessoal.

Quadro 1. Caracterização das Tradições Sociológicas Laborais.

Ora, o facto é que pouco ou nada se tem feito em sociologia laboral especializada no estudo da identidade profissional para unificar estas tradições e só acresce à complexidade da questão a já referida qualidade particularmente "transfronteiriça" da problemática, por referência ao arranjo atual da especialização científica, o que redundará na circunstância de a este "retalho" sociológico laboral podermos (e devermos) ainda adicionar o "retalho" psicológico e psicossociológico, bem como o proveniente da Sociologia da Educação.

Depois, como referimos, outra razão mais circunscrita vitimou a análise sociológica da identidade profissional. Trata-se da fragmentação do objeto interna às próprias tradições. Em Sociologia, no que respeita à análise das identidades profissionais, estamos hoje perante duas tradições maioritárias que possuem intuítos, fins, princípios e racionais muito seus (Quadro 2), e que se têm aplicado pouco no uso intensivo de referenciais externos.

Tradição	Conceitos essenciais	Intuito analítico	Dimensionalidade	Fases do ciclo	Metodologias privilegiadas
Sociologia das Profissões	Profissionalização, Jurisdição, Projeto Profissional.	Identidade profissional como meio.	Tendência unificadora – identidade (do grupo).	Aquisição	Quali-Quantitativas. Inquirição e Análise Documental. Análise Estatística e de Conteúdo.
Microculturalismo laboral.	Formação Contínua, Socialização.	Identidade profissional como fim.	Tendência dispersiva – identidades (dos subgrupos e indivíduos).	Desenvolvimento	Qualitativas. Etnobiografia e Análise de Conteúdo.

Quadro 2. Tónicas dominantes da análise contemporânea da Identidade profissional.

A Sociologia das Profissões tem analisado a identidade profissional centrando-se essencialmente no seu significado instrumental para a análise da profissionalização no âmbito da abordagem teórica a dois passos importantes da sua conceptualização: 1) microprofissionalização (de cariz individual, contraposta à mesoprofissionalização grupal e à macroprofissionalização estrutural – Fonseca, 2008, p. 53) entendida como processo aquisitivo de uma identidade profissional, condição necessária para o acesso à profissão; e 2) profissionalização como culturalmente condicionada – como dependente da sedimentação e fortalecimento de uma identidade coletiva própria, dado que o projeto profissional (Larson, 1977) se entende como apenas passível de colher sucesso mediante a unificação subcultural do grupo. Na Sociologia das Profissões estudar identidade profissional tem pois sido mais estudar as condições de algo (em sentido estratégico) que estudar esse algo objetivamente. De facto, esta tradição tem realizado um tratamento teórico da identidade profissional demasiado simplificado e bastante alheio a real problematização, desde logo porque o tema esteve longe dos seus intentos essenciais. Assim, tem visto a identidade profissional como de pendor homogéneo e homogeneizante, algo que se adquire nas escolas de modo geral e se mantém tendencialmente estável, evoluindo apenas pontualmente e de modo internamente não conflitual, dado o pressuposto de que a identidade progride através de um processo contínuo de trocas entre o sistema escolar e a profissão, inevitáveis desde logo porque o sistema escolar é encimado, tipicamente (nomeadamente em profissões maduras), pela elite do próprio grupo profissional. Deste modo, a Sociologia das Profissões tem dado menos destaque à variação da identidade profissional no âmbito da profissão quando não em grupos específicos, estratégicos para a autonomia ocupacional e para a explicação da concorrência interna à profissão. Tem também dado menos destaque à análise da identidade pós-aquisição isto é, ao modo como evolui a identidade que se adquiriu na Escola em fases específicas do ciclo de vida profissional dado que, de certo modo, a identidade profissional para a Sociologia das Profissões não é muito mais que aquisição a validar quando se exercem os processos de *gatekeeping*, ou algo a sedimentar e assegurar (por representar unidade, congruência e

homogeneidade grupal, condições essenciais de sucesso na negociação de prerrogativas socioeconómicas e socioculturais no âmbito do sistema profissional), quando se age em sentido estratégico coletivo.

Por seu turno, o Microculturalismo laboral tem-se centrado mais no estudo do profissional e na interligação da evolução identitária da fase profissional (após validação do acesso ao grupo) com a formação ao longo da vida, tendo descurado o estudo dos processos aquisitivos dessa identidade e sua articulação com a evolução identitária posterior. Igualmente tem desconsiderado a análise da identidade como elemento do sistema profissional mais vasto e instrumento essencial na evolução da qualidade profissional de uma ocupação.

E a metodologia? Bem, a ausência de intercomunicabilidade metodológica do estudo da identidade profissional realizado por ambas as tradições, tem sido especialmente preocupante. O Microculturalismo laboral é qualitativo e etnográfico e essencialmente inamovível nesse seu posicionamento, tendo a Sociologia das Profissões usado antes um referencial muito mais dominante em metodologia sociológica (aquilo que Dubar chamaria o referencial de “sociologia clássica”), baseando-se na análise quali-quantitativa e na inquirição social.

Na sequência do que foi dito é de destacar que: 1) a sociologia da identidade profissional carece hoje, essencialmente, de uma interpretação macrossociológica, abandonados que foram os referenciais clássicos que nesse sentido poderiam prover; 2) na ausência do interesse específico do tema para a Sociologia das Profissões que se tem manifestado na secundarização do mesmo, a própria dimensão mesossociológica da análise da identidade profissional tem sido limitadamente tentada e teoricamente pouco desenvolvida; 3) a persistência de uma visão etnográfica do fenómeno tem limitado a variação metodológica e condicionado a capacidade de extrapolação dos dados; 4) sistematicamente tem sido teorica e metodologicamente apartada a fase da aquisição identitária profissional inicial (a fase pré-profissional) da análise da qualidade identitária profissional (fase profissional), deixando-se no essencial às especialidades educacionais a análise da primeira e às especialidades laborais a análise da segunda, o que, aberrante, desde logo para a Sociologia das Profissões ou da Educação, não tem parecido especialmente preocupante ao Microculturalismo laboral.

1.3. A análise da identidade profissional dos Assistentes Sociais portugueses.

Em Portugal os estudos que se têm debruçado sobre a identidade profissional têm sido formatados genericamente na mesma forma que se tem usado para a análise do caso dos Assistentes Sociais pelo que, por interesse mais específico, apenas referiremos estes. A tradição da Sociologia das Profissões tem sido usada apenas pontualmente no âmbito dos estudos identitários profissionais, desde logo porque essa tradição serviu mais para a análise lata do projeto profissional (isto é, o lugar atual e a evolução próxima, passada e futura, da profissionalização grupal ou ocupacional, isto é mesossocial), tendo-se demasiadas vezes descurado os aspetos identitários desbloqueadores da ascensão social coletiva.

A dominante do Microculturalismo laboral tem sido claramente maioritária e tem gerado uma análise quase exclusivamente microsociológica da identidade profissional que, naturalmente, não pode ser entendida senão como insuficiente, por mais interessante e rica que tenha sido.

No caso do Serviço Social destaca-se o trabalho de investigação desenvolvido no âmbito da Universidade Católica Portuguesa (CESSS) como principal representante da dominante Sociologia das Profissões, e o trabalho desenvolvido na Universidade do Minho (Cied), no Instituto Politécnico de Leiria (Ciid) e na Universidade de Lisboa (FP(CE)) como representante da tradição do Microculturalismo laboral.

Tradição	Centros	Estudos paradigmáticos	Temáticas
Dominante Sociologia das Profissões	CESSS-UCP	Francisco Branco (2009)	Nível de sedimentação da identidade e impactos no estado do projeto profissional.
Dominante Microculturalismo laboral.	Cied-UM, FP(CE)-UL, IPL	Ana Maria Costa e Silva (2001), Cristóvão Margarido e Ricardo Vieira (2007), Isabel Passarinho (2008, 2009)	Registo e interpretação das identidades individuais e subgrupais dos Assistentes Sociais.

Quadro 3. Classificação dos enquadramentos teóricos dominantes dos investigadores nacionais da Identidade profissional dos Assistentes Sociais.

De facto, se fôssemos mais rigorosos, deveríamos falar de inexistência de trabalho realizado em torno da dominante Sociologia das Profissões, especialmente no que respeita à análise da identidade profissional pois, salvo alusões pontuais e inacabadas (feitas também por outros, não referidos, ativistas e/ou preocupados com a profissionalização do Serviço Social em Portugal), pouco se tem tratado de facto a questão identitária no âmbito das análises da profissionalização do Serviço Social português (como faz por exemplo Welbourne, 2009, ainda que se refira mais ao conceito de cultura profissional que de identidade).

As análises inspiradas maioritariamente na dominante do Microculturalismo laboral têm chegado a resultados interessantes, ricos, mas circunscritos e, naturalmente, muito pouco extrapoláveis. Deve dizer-se aliás que essas análises são ainda bastante os prolegómenos de algo, pois não chegam verdadeiramente nunca a propor traços específicos que possam atribuir conteúdo à definição identitária dos Assistentes Sociais, dado que se focam muito mais na hermenêutica do processo identitário (e na problematização preparatória da sua análise), que verdadeiramente na empiria da identidade, o que se justifica, desde logo, pela juventude desta linha de investigação.

2. ESPECIFICANDO A ABORDAGEM.

2.1. Estratégia investigativa.

E se o mundo é o da escassez; e se a escassez constrange a escolha; e se a escolha implica custos, custos associados quer à metodologia usada para escolher, quer àquilo que se escolhe, fará sentido no caso da ciência não apenas entender como a constrange a especialização científica, mas também pontualmente contribuir

para uma desconstrução do ordenamento usado no seu âmbito como referencial, por forma a tentar limitar o impacto das perdas associadas à posição assumida, através do privilégio de orientações mais ecléticas.

O nosso estudo bebe pois da tradição da Sociologia das Profissões no seu cariz eminentemente mesossociológico, na sua dimensionalidade tendencialmente unificadora e na sua metodologia quantitativa. Bebe por outro lado do Microculturalismo cultural no seu sentido menos estratégico que caracterizador, menos instrumental que objetivo e na conceptualização ampla dos processos tomados como definindo a construção da identidade.

Centra-se tanto na fase aquisitiva como do desenvolvimento identitário, analisando pois a identidade através de uma perspectiva de evolução ao longo do seu ciclo de vida (desde que se forma, nas Escolas Superiores, até que cessa de ter relevância, com a retirada do profissional da profissão).

O nosso estudo (cujos resultados apenas são aqui discutidos em parte) assume os seguintes pressupostos centrais: 1) a identidade é algo pessoal e social que se cria e evolui através de um processo transaccional contínuo (Dubar, 1997); 2) é possível hipotetizar, com a Sociologia das Profissões, que a aquisição identitária é a fase mais determinante do ciclo de vida identitário (inspirado em Freidson, 1986); 3) a identidade reporta-se a tomadas de posição relativas a todas as instâncias do sistema profissional e a inferências transaccionais no âmbito desse sistema: o profissional, a profissão, as profissões concorrentes, o cliente, o Estado e a sociedade em geral (segundo o esquema de Abbott, 1988) – uma identidade profissionais é pois essencialmente resultado das auto e hetero-atribuições feitas a propósito de todos esses atores e dos processos que os colocam em interação; 4) podemos identificar um momento crítico para a mensuração identitária: a fase de transição entre a aquisição e a “utilização” que se identifica com o ingresso na profissão (momento de operacionalização do *gatekeeping* – Freidson, 1986) e constitui uma *baseline* de utilização instrumental universal (progressiva ou retroativa) isto é, útil para a análise de ambas as fases.

O estudo, no modo como aqui é retratado, tem as seguintes limitações essenciais: 1) analisa identidade apenas através da auto-avaliação identitária, seguindo a metodologia de Dubar (1997, 1992, 1998); 2) desconsidera as especificidades biográficas do estabelecimento e evolução da identidade; 3) ao ser de tipo *cross-section* concretiza-se numa análise evolutiva imperfeita que, especialmente no caso de uma ocupação de expansão recente em Portugal, pode tornar a análise sensível a processos socio-históricos (geracionais) particulares, perturbando a justeza da medição final ao medir também algo que não se pretende medir. Por outro lado, apenas são aqui relatados resultados referentes a alguns elementos do sistema: o profissional, a profissão e o cliente, por motivos de espaço. Referir-nos-emos de futuro às restantes dimensões. Assim, no facto, o conceito de identidade profissional é neste estudo operacionalizado em três grupos de dimensões: a) dominante da interpretação da identidade profissional própria (EU); b) dominante da interpretação dos valores e capacidades nucleares da profissão (NÓS); c) construção social do cliente (ELES).

Os grupos de dimensões foram transformados em categorias de mensuração através da sua conversão em listas de atributos identitários sugeridos que foram organizados em eixos analíticos, no modo como concretiza o Quadro 4.

Aos respondentes foi solicitado que identificassem em cada dimensão os cinco atributos com que mais se identificavam ou que achavam que melhor descreviam a imagem detida por eles acerca dos grupos em análise.

EU – Atributos/ Eixos	ELES - Atributos/ Eixos
Técnico (1), Cientista (1), Educador (4), Interventor (3), Gestor (2), Facilitador (4), Cuidador (4), Especialista (1), Dinamizador (3), Burocrata (2), Animador (3), Investigador (1), Empreendedor (3), Humanista (4), Profissional (1), Organizador (3), Político (2), Administrativo (2), Coordenador (2), Conciliador (4)	Necessitados (4), Clientes (1), Amigos (2), Utentes (1), Familiares (2), Beneficiários (1), Excluídos (4), Desafiados (3), Cidadãos (3), Contribuintes (1), Companheiros (2), Explorados (4), Parceiros (2), Pessoas comuns (3), Desafortunados (4), Doentes, Requerentes (1), Fragilizados (3), Ajudados (3), Esquecidos (4)
<i>EIXOS: (1) Técnico-Científico, (2) Político-Administrativo, (3) Dinamizador, (4) Cuidador</i>	<i>EIXOS: (1) Administrativo-Funcional, (2) Emotivo-Pessoal, (3) Integrados, (4) Excluídos</i>

NÓS Valores – Atributos/ Eixos	NÓS Capacidades - Atributos/ Eixos
Justiça na ação (4), Igualdade no tratamento (3), Profissionalismo na conduta (4), Responsabilidade na ação (4), Lealdade institucional (3), Respeito pela diferença (2), Orientação altruísta (1), Dedicção ao cliente (1), Orientação para os fracos (2), Transparência na ação (4), Compaixão na relação (1), Orientação empática (1), Respeito pela privacidade (3), Atualização técnica constante (3), Cooperação institucional (3), Motivação para a mudança (2), Orientação solidária (1), Empenho na ação (4), Compromisso com a verdade (2) Respeito pelo outro (2)	Conhecer as leis (1), Entender as pessoas (2), Acompanhar os casos (3), Instruir os processos (3), Comunicar com eficácia (3), Aplicar as técnicas (4), Agir interdisciplinarmente (4), Ter iniciativa (4), Trabalhar em grupo (4), Fomentar parcerias (4), Conhecer as culturas (1), Identificar os bloqueios (3), Conhecer a política pública (1), Incentivar à autonomia (2), Conhecer a teoria (1), Fazer formação contínua (1), Saber diagnosticar a situação (3), Dinamizar as vontades (2), Fomentar a responsabilização (2), Realizar o aconselhamento (2)
<i>EIXOS: (1) Relação Cliente, (2) Princípios, (3) Funcional, (4) Orientação</i>	<i>EIXOS: (1) Formação, (2) Relação, (3) Instrução, (4) Ação</i>

Quadro 4. Atributos identitários e sua organização em eixos analíticos.

O estudo tem um objetivo geral: caracterizar a identidade profissional dos Assistente Sociais isto é, dar um conteúdo a essa identidade, considerados os limites acima descritos. Tem também um objetivo particular: testar a hipótese de que a qualidade identitária profissional resulta de um processo continuado no âmbito do qual a aquisição é uma fase perfeitamente semelhante às restantes, bem menos determinante do que se tem pressuposto.

Para alcançar os seus objetivos, o estudo propõe dois conceitos instrumentais essenciais: o conceito de “retrocesso identitário profissional” e o conceito de “núcleo duro identitário”.

Quanto ao conceito de “retrocesso identitário profissional”, assume-se que a relevância da fase aquisitiva face à(s) restante(s) será tão maior quanto menor for o nível de retrocesso no padrão identitário da fase profissional face ao estabelecido na fase pré-profissional, isto é, quanto menor for a reconfiguração

identitária face à identidade típica da *baseline*, ou seja, do momento de transição entre a graduação e a prática profissional, como abaixo se explicita. Quanto ao conceito de “núcleo duro identitário”, ele traduz-se nos traços de identidade que têm o comportamento geralmente esperado na visão mais simplista, unilinear, da identidade profissional, que é típica da Sociologia das Profissões: traços que se adquirem na formação e mostram persistência ao longo de todo o percurso profissional. Dependendo do modo como esse núcleo duro se constitui e evolui assim se analisará a importância mais ou menos determinante da aquisição inicial na padronização dos constantes identitários ao longo da evolução na carreira. Note-se a importância deste conceito, ao revelar aquilo que verdadeiramente é efeito da formação (distinguindo o profissional do público em geral) e é transversal à identidade profissional, traduzindo assim um núcleo essencial de interpretação identitária. Sobre a metodologia, e em acréscimo ao que se disse, interessa especificar que ao ser de tipo *cross-section*, devido a existir a impossibilidade de o fazer estudo longitudinal em sentido puro (acompanhando uma amostra ao longo da totalidade do seu percurso formativo e profissional – durante 44 anos, em média), o estudo colhe amostras de indivíduos posicionados atualmente em fases diferentes do percurso formativo e profissional por modo a constituir grupos que reproduzam (ainda que imperfeitamente, como se sabe, o desenho longitudinal, apresentando uma temporalidade mais rica à análise do processo). De modo mais concreto interessará desde já, ainda, especificar a *baseline* analítica utilizada: concretiza-se nos indivíduos que acabaram de se licenciar (identificados como 4º ano, dado que a inquirição ocorreu após o fim do 7º semestre dos cursos e se pediu aos respondentes que se identificassem pela sua situação no início do ano letivo em decurso) e os que se licenciaram há menos de um ano e não tiveram ainda nenhuma experiência profissional específica. É de notar ainda, mesmo antes de especificarmos métodos e técnicas de investigação, que o desenho que assumimos rejeita os casos de indivíduos com mais de um ano de graduação e sem qualquer experiência profissional específica (que de certo modo estão fora do ciclo de vida identitário padrão), que somam o número residual de 18 casos, correspondendo a 1,4% da amostra.

2.2. Métodos e técnicas de investigação.

A metodologia, quantitativa, recorreu à técnica de inquirição por questionário. Visaram-se todos os estudantes de Serviço Social portugueses e todos os Assistentes Sociais. A inquirição decorreu entre Abril e Junho de 2011.

Os estudantes de Serviço Social foram inquiridos presencialmente sempre que se obteve autorização para tal junto das Escolas que ministram a licenciatura, o que ocorreu no caso da Universidade de Coimbra, da Universidade Técnica de Lisboa, do Instituto Superior de Serviço Social do Porto e do Instituto Politécnico de Beja. Inquiriram-se em sala de aula alunos dos 1º, 2º e 3º anos. Os alunos do 4º ano e os alunos ausentes foram inquiridos eletronicamente usando as facilidades oferecidas pelas escolas e pela divulgação disponibilizada formalmente ou informal, interpares. Em relação às restantes escolas praticou-se a inquirição eletrónica facilitada pelas Direções dos Cursos, pelos órgãos representativos dos

alunos e por divulgação formal e informal interpares. Foi possível assim obter a participação de alunos de todas as escolas onde esta formação inicial se oferece. Os licenciados em Serviço Social foram inquiridos com recurso à preciosa colaboração da APSS – Associação de Profissionais de Serviço Social, que se dispôs a divulgar o estudo e a apelar à colaboração junto dos seus associados. Adicionalmente foram contactados grupos de Assistentes Sociais presentes nas redes sociais, IPSS e Organismos públicos caracterizados pela presença relevante de profissionais da área, bem como solicitada em geral a divulgação interpares. No caso dos alunos, registou-se aproximadamente 57,0% de inquiridos presenciais e 43,0% de não presenciais. No caso dos Assistentes Sociais 100,0% da inquirição foi eletrónica.

O peso da inquirição eletrónica obrigou a que fossem tomadas medidas rigorosas de verificação da efetiva identidade dos respondentes, não obstante o controlo que se procurou manter rígido, do acesso à resposta. Assim, foram desconsideradas as respostas que não deixaram pelo menos uma via de contacto para eventual validação e testaram-se uma em cada três inquirições eletrónicas através de verificação por telefone e/ou e-mail da efetiva identidade do respondente.

2.3. Apresentação da amostra.

Foram inquiridos e posteriormente validados os questionários de 605 estudantes e 659 Assistentes Sociais de todos os distritos, alunos e graduados de todas as Escolas onde o curso é e foi ministrado.

Tendo em conta a dimensão de Assistentes Sociais registados como em atividade no Ministério do Trabalho (último ano disponível sendo 2009): 3953 e não obstante a sua previsível subvalorização em face das situações profissionais precárias ou da inexistência de vínculos contabilizáveis, podemos ainda assim ter esse número como indicativo (na ausência de outro) e a partir dele indicar um erro global, para um intervalo de confiança de 95% de 3,5%. Mesmo que sejamos muito menos conservadores e dupliquemos em estimativa o universo, isto apenas fará variar o erro estatístico em +0,3%, o que demonstra o excelente nível de erro estatístico alcançado.

Quanto aos estudantes, se usarmos como referencial os *numeros clausus* do ano passado e os multiplicarmos por quatro (um para cada ano letivo), reportar-nos-emos a um universo anual de cerca de 3244 estudantes de Serviço Social, número que, embora saibamos sobrevalorizado pelas relevantes perdas anuais de estudantes no percurso académico, é impossível imediatamente refinar na inexistência de dados de desistências, transferências e de insucesso escolar. A mecânica especial da contabilização do erro estatístico torna isso contudo essencialmente irrelevante. Dada a nossa dimensão amostral teremos um erro de 3,6% se considerarmos um universo de 3244 estudantes. Como reduzir o universo só melhorará o erro, acrescentamos apenas para melhor referencial que um decréscimo no universo de 50% baixar-nos-ia o erro para 3,2%. É pois prudente aceitar que no caso dos alunos o nosso erro real estará provavelmente entre os 3,6% e os 3,2%, ambos erros extremamente baixos.

Se consideramos estudantes e profissionais no seu todo, aliás, o erro descerá

para 2,5% para o mesmo intervalo de confiança e para os referenciais originais da dimensão estimada para o universo.

A amostra distribuiu-se pelos momentos do percurso pré-profissional, pela *baseline* e por níveis de antiguidade profissional crescentes do seguinte modo: 197 alunos do 1º ano, 181 alunos do 2º ano, 165 alunos do 3º ano, 123 alunos na *baseline*, 150 indivíduos até 2 anos de experiência profissional, 171 indivíduos de 3 a 6 anos de experiência profissional, 80 de 7 a 10 anos, 85 de 11 a 15 anos, 42 de 16 a 20 anos, 42 de 21 a 30 anos e 10 de 31 a 40 anos. Não é despendioso fazer relevar que para análises realizadas em relação aos grupos, se deve ter em conta um erro estatístico que tem tendência crescente ao longo do percurso, mas que não pode ser concretamente indicado na ausência de dados fidedignos que nos permitam estimar o universo dos subgrupos. Esse incremento deverá contudo ter impacto relativizado por um universo que necessariamente é também ele decrescente à medida que o percurso evolui.

3. RESULTADOS DO ESTUDO.

3.1. Eu: interpretação dominante da identidade própria.

No que se refere à identidade profissional própria, há três traços de destaque, por serem aqueles que conseguem maior número de identificações, independentemente da fase do ciclo de vida: Interventor (56,9% a 70,0% das identificações considerando todos os grupos), Profissional (66,7% a 50,0% das identificações) e Dinamizador (39,8% a 61,9% das identificações). Os traços mais recusados são os de Cientista, Burocrata, Político e Administrativo. Quando analisamos o período pré-profissional e o modo como se dá a evolução da identificação do 1º ano de formação à *baseline*, verificamos que ocorre um processo de consolidação de quatro papéis (Gráfico 1): o de Interventor, que ascende da identificação por 65,5% dos alunos do 1º ano e 56,9% dos do 2º ano, para 69,1% dos inquiridos na *baseline*; o de Dinamizador, que ascende da identificação por 42,1% dos alunos do 1º ano e 39,8% dos do 2º ano, para 51,2% dos inquiridos na *baseline*; o de Empreendedor, que ascende da identificação por 13,7% dos alunos do 1º ano e 23,2% dos do 2º ano, para 40,7% dos inquiridos na *baseline*; e o de Facilitador, que ascende da identificação por 10,7% dos alunos do 1º ano e 22,7% dos do 2º ano, para 30,1% dos inquiridos na *baseline*.

Considerando a prevalência da importância destes papéis consolidados ao longo da formação no decurso da carreira de Assistente Social, fazem parte do núcleo duro identitário os papéis de Empreendedor e Dinamizador do Eixo Dinamizador e o papel de Facilitador, do Eixo Cuidador.

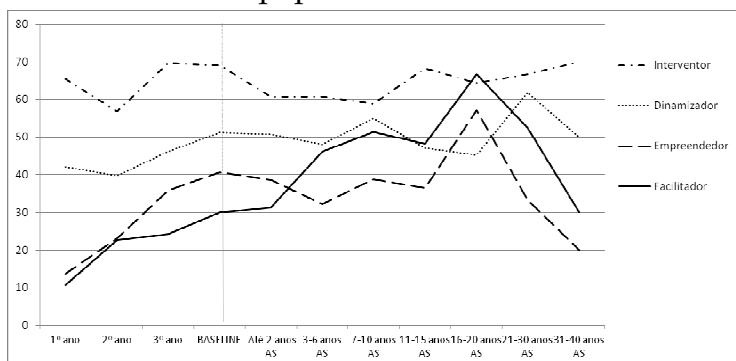


Gráfico 1. Aquisições identitárias da fase pré-profissional (EU).

Não se inclui no núcleo duro identitário o papel de Interventor, na medida em que revela um retrocesso

de importância relevante entre o início e os 7-10 anos de carreira. Relativamente à evolução da importância dos presentes papéis ao longo da carreira, a leitura do Gráfico 1, permite realçar que:

- os 16-20 anos de carreira são um ponto de inversão de importância para os papéis de Facilitador e Empreendedor, que descem respetivamente de 66,7% para 30,0% e de 57,1% para 20,0% nos 31-40 anos de carreira;
- os 7-10 anos de carreira são um ponto de inversão de importância para o papel de Interventor, que sobe de 58,8% para 70,0% nos 31-40 anos de carreira.

Relativamente a retrocessos identitários na identidade profissional própria por efeito da aquisição pré-profissional (Gráfico 2), verifica-se a atenuação da importância de 5 papéis:

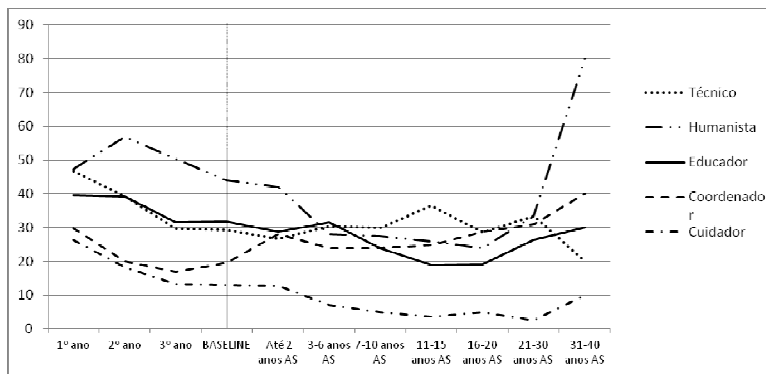


Gráfico 2: Retrocessos identitários da fase pré-profissional (EU).

Técnico, que regride da identificação por 46,7% dos alunos do 1º ano e 39,2% dos do 2º ano, para 29,3% dos inquiridos na *baseline*;

Humanista, que regride da identificação por 47,2% dos alunos do 1º ano e 56,9% dos do 2º ano, para 43,9% dos inquiridos na *baseline*; Educador, que regride da identificação por 39,6% dos alunos do 1º ano e 39,2% dos do 2º ano, para 31,7% dos inquiridos na *baseline*; Cuidador, que regride da identificação por 26,4% dos alunos do 1º ano e 18,2% dos do 2º ano, para 13,0% dos inquiridos na *baseline*. O conceito apresenta ainda uma regressão ao longo da carreira, até aos 21-30 anos (2,4%) mostrando-se extremamente regular na recusa progressiva dele feita ao longo da carreira; Coordenador, que regride da identificação por 29,9% dos alunos do 1º ano e 19,9% dos do 2º ano, para 19,5% dos inquiridos na *baseline*. Este papel assume-se no entanto como de aquisição na fase profissional, ascendendo de 28,0% no início de carreira para 40,0% nos 31-40 anos.

	ANOVA				Post-Hoc	
	F	g.l.	p	Sig.	Grupos	Bonferroni
Eixo Técnico-Científico	1,068	10	0,384	n.s.		
Eixo Político-Administrativo	1,383	10	0,182	n.s.		
Eixo Dinamizador	2,503	10	0,006	**	2º ano – BASELINE	0,005
Eixo Cuidador	1,099	10	0,359	n.s.		

n.s. - Não se verificam diferenças significativas ($\alpha=0,05$)

* - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,05$

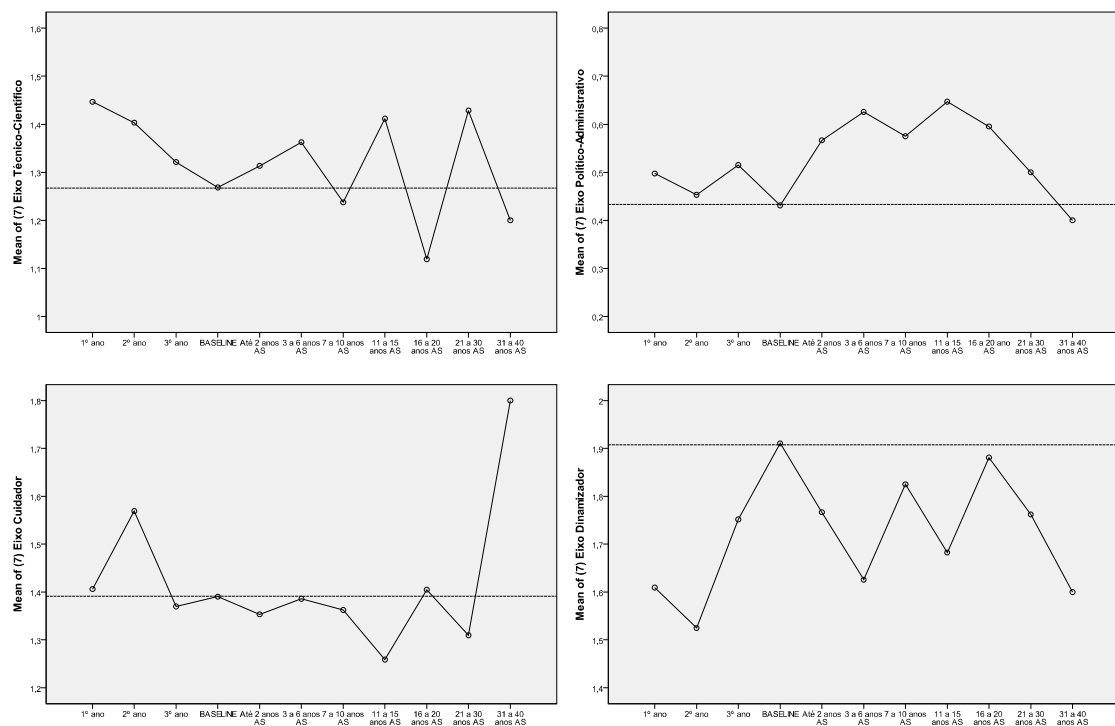
** - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,01$

Quadro 5. Comparação de médias entre os grupos (EU).

Verificam-se diferenças significativas entre os grupos ao nível do Eixo Dinamizador (ANOVA; $F=2,503$; g.l.=10; $p=0,006$). No final do período pré-profissional (*baseline*) os inquiridos tendem a ter uma identidade onde os papéis do Eixo Dinamizador (média=1,91) têm uma importância significativamente superior ao 2º ano da faculdade (média=1,52) (Bonferroni=0,005).

Não se verificam diferenças significativas entre grupos, ao nível do Eixo Técnico-Científico (ANOVA; $F=1,068$; g.l.=10; $p=0,384$), do Eixo Político-Administrativo (ANOVA; $F=1,383$; g.l.=10; $p=0,182$) e do Eixo Cuidador (ANOVA; $F=1,099$; g.l.=10; $p=0,359$).

A evolução das identificações considerando os atributos organizados nos eixos, é a que os Gráficos 3 a 6 relatam.



Gráficos 3 a 6: Evolução da posição nos eixos face à *baseline* (EU).

3.2. Nós: valores e capacidades nucleares da profissão.

No que se refere aos princípios nucleares da profissão, há um destaque absoluto, independentemente do grupo em análise, de três: Motivação para a Mudança que, à excepção do grupo cronologicamente derradeiro consegue identificações entre os 40,5% e os 60,2%, Profissionalismo na Conduta, que nunca desce abaixo dos 40% de identificações e Respeito pela Diferença, com identificações que variam, considerados todos os grupos entre 28,8% e 46,3%. São especialmente desvalorizados os seguintes valores: Orientação para os Fracos, Compaixão na Relação e Orientação Solidária.

Verifica-se um processo de aquisição no período de formação pré-profissional, relativamente a 5 valores (Gráfico 7):

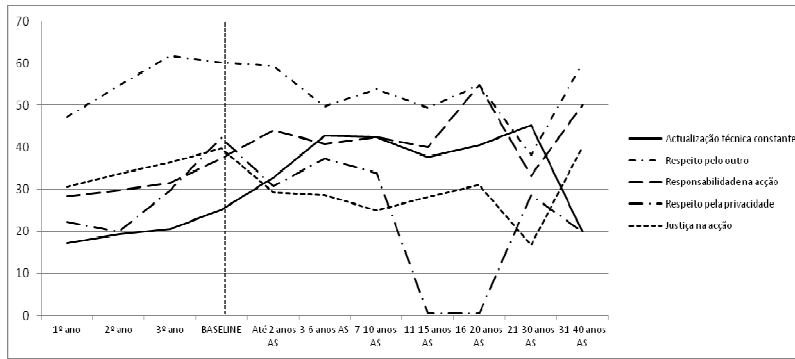


Gráfico 7. Aquisições identitárias da fase pré-profissional (NÓS - Valores).

o de Respeito pelo Outro, que ascende da identificação por 47,2% dos alunos do 1º ano e 54,7% dos do 2º

ano, para 60,2% dos inquiridos na *baseline*; o de Atualização Técnica Constante, que ascende da identificação por 17,3% dos alunos do 1º ano e 19,3% dos do 2º ano, para 25,2% dos inquiridos na *baseline*; o de Respeito pela Privacidade, que ascende da identificação por 22,3% dos alunos do 1º ano e 19,9% dos do 2º ano, para 42,3% dos inquiridos na *baseline*; o de Justiça na Ação que ascende da identificação por 30,5% dos alunos do 1º ano e 33,7% dos do 2º ano, para 39,8% dos inquiridos na *baseline*; e o de Responsabilidade na Ação, que ascende da identificação por 28,4% dos alunos do 1º ano e 29,8% dos do 2º ano, para 37,4% dos inquiridos na *baseline*.

Considerando a prevalência da importância destes valores ao longo do exercício da profissão de Assistente Social, incluem-se no núcleo duro os papéis de Responsabilidade na Ação e Atualização Técnica Constante. Não se incluem no núcleo duro identitário devido a sofrerem retrocessos relevantes na fase profissional os valores de Respeito pelo Outro, Respeito pela Privacidade e Justiça na Ação.

Relativamente a retrocessos identitários referentes à interpretação dos valores nucleares da profissão (Gráfico 8), por efeito da formação pré-profissional, verifica-se a atenuação da importância de 5 valores:

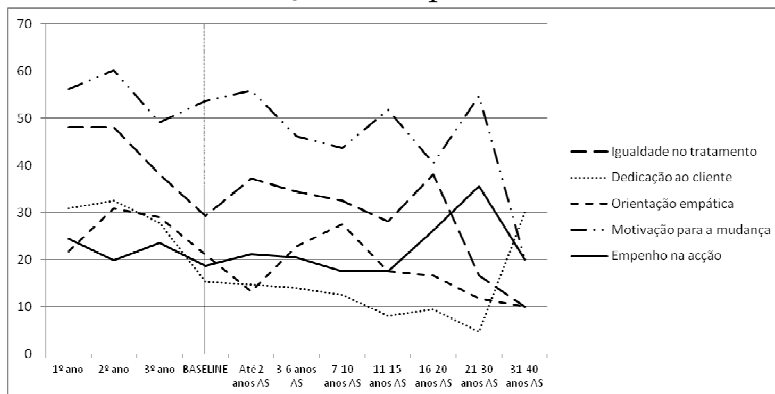


Gráfico 8. Retrocessos identitários da fase pré-profissional (NÓS - Valores).

o de Igualdade no Tratamento, que regride da identificação por 48,2% dos alunos do 1º ano e 48,1% dos do 2º

ano, para 29,3% dos inquiridos na *baseline*; o de Dedicção ao Cliente, que regride da identificação por 31,0% dos alunos do 1º ano e 32,6% dos do 2º ano, para 15,4% dos inquiridos na *baseline* (este valor continua a regredir ao longo da carreira, até aos 21-30 anos (14,7%-4,8%), apresentando no entanto uma ascensão de nota nos 31-40 anos (30,0%) que deve ser relativizada pelo maior erro estatístico associado); o de Orientação Empática, que regride da identificação por 21,8% dos alunos do 1º ano e 30,9% dos do 2º ano, para 15,4% dos inquiridos na *baseline*; o de Motivação para a Mudança, que regride da

identificação por 56,3% dos alunos do 1º ano e 60,2% dos do 2º ano, para 53,7% dos inquiridos na *baseline* e que após os 2 anos de profissão continua a apresentar uma regressão tendencial (46,2%-20%%); o de Empenho na Ação, que regride da identificação por 24,4% dos alunos do 1º ano e 19,9% dos do 2º ano, para 18,7% dos inquiridos na *baseline*.

Não se verificam diferenças significativas entre os grupos ao nível do Eixo Princípios (ANOVA; F=1,592; g.l.=10; p=0,103) e do Eixo Orientação (ANOVA; F=1,244; g.l.=10; p=0,258).

Verificam-se diferenças significativas entre os grupos ao nível do:

- Eixo Relação-Cliente (ANOVA; F=10,532; g.l.=10; p=0,000) a um nível de significância de 0,01. Nos 1º e 2º anos da faculdade, os inquiridos tendem a identificar-se com mais valores do Eixo Relação-Cliente que no final do período pré-profissional. Nos 1º, 2º e 3º ano da faculdade, os inquiridos tendem a identificar-se com mais valores do Eixo Relação-Cliente que entre o início e 6 ano de carreira e entre os 11 e os 30 anos de carreira;

Eixos	ANOVA				Post-Hoc	
	F	g.l.	p	Sig.	Grupos	Bonferroni p
Eixo Relação Cliente	10,532	10	0,000	**	BASELINE – 1º ano	0,000
					- 2º ano	0,001
					Até 2 anos AS – 1º ano	0,000
					- 2º ano	0,000
					- 3º ano	0,001
					3 a 6 anos AS – 1º ano	0,000
					- 2º ano	0,000
					- 3º ano	0,010
					11 a 15 anos AS – 1º ano	0,000
					- 2º ano	0,000
					- 3º ano	0,001
					16 a 20 anos AS – 1º ano	0,001
					- 2º ano	0,005
					- 3º ano	0,003
Eixo Princípios	1,592	10	0,103	n.s.	---	---
Eixo Funcional	4,529	10	0,000	**	3 a 6 anos AS – 1º ano	0,018
					- 2º ano	0,002
					- 3º ano	0,018
					7 a 10 anos AS – 2º ano	0,016
					11 a 15 anos AS – 2º ano	0,012
Eixo Orientação	1,244	10	0,258	n.s.	---	---

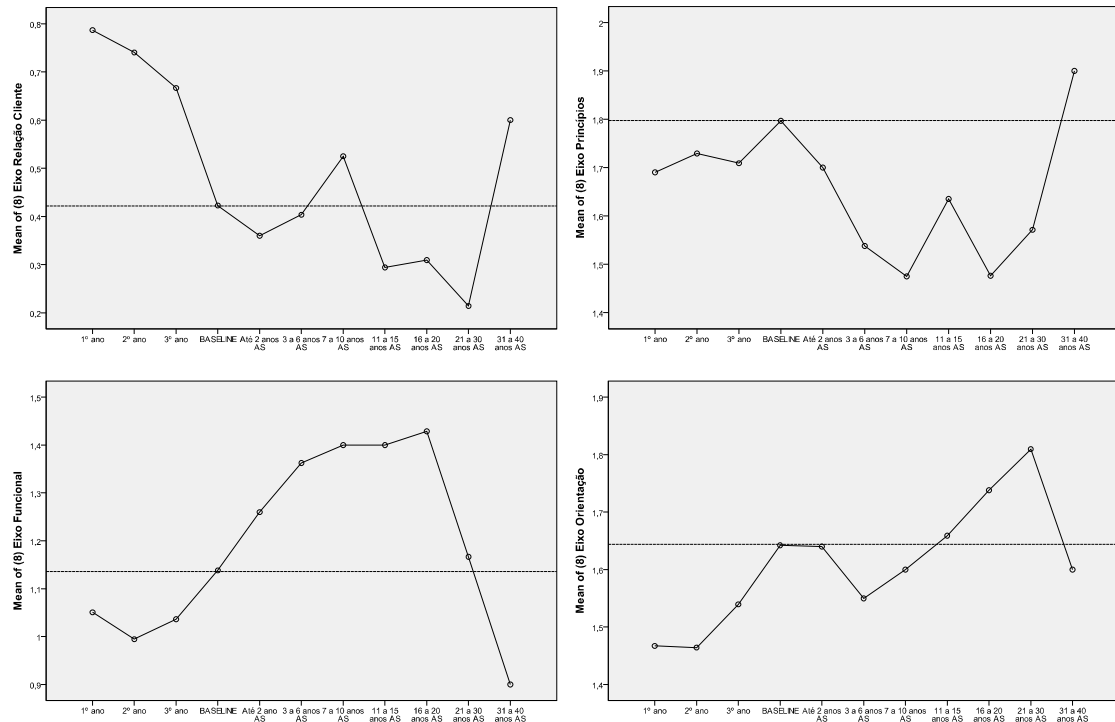
n.s. - Não se verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,05$

* - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,05$

** - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,01$

Quadro 6. Comparação de médias entre os grupos (NÓS - Valores).

- Eixo Funcional (ANOVA; $F=4,529$; $g.l.=10$; $p=0,000$) a um nível de significância de 0,01. Verifica-se uma menor tendência para identificação com valores do Eixo Funcional nos 1º, 2º e 3º ano da faculdade, que entre os 3 e os 6 anos de carreira. Verifica-se uma menor tendência para identificação com valores do Eixo Funcional no 2º ano da faculdade, que entre os 7 e os 15 anos de carreira.



Gráficos 9 a 12: Evolução da posição nos eixos face à *baseline* (NÓS - Valores).

No que se refere às capacidades nucleares da profissão, há duas que claramente se destacam como gerando identificação forte ao longo de todo o ciclo de vida identitário: o Saber Diagnosticar a Situação (varia de 55,8% a 71,4% de identificações) e o Incentivar à Autonomia (que é especialmente forte, rondando os 50 a 60% de identificação em todas as fases à exceção da final, dos 21 aos 40 anos, o que pode ser resultado de dinâmicas geracionais e da mais recente sobrelevação da ideologia prática do *Empowerment*). São especialmente desvalorizadas as capacidades seguintes: Instruir os Processos e Conhecer as Teorias. Verifica-se um processo de aquisição no período de formativo inicial, relativamente a 4 capacidades (Gráfico 13):

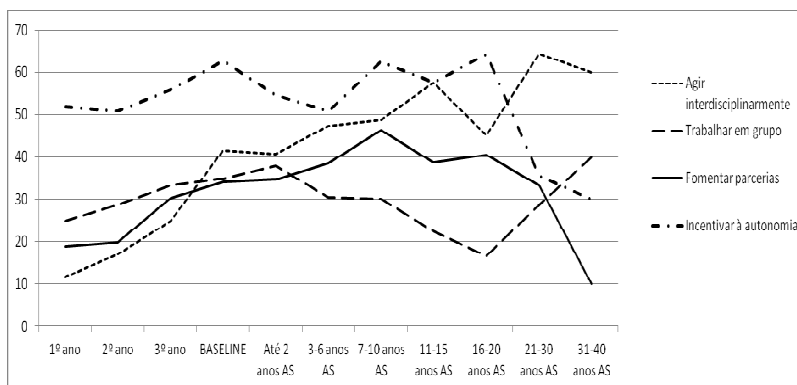


Gráfico 13. Aquisições identitárias da fase pré-profissional (NÓS - Capacidades).

a de Incentivar a Autonomia, que ascende da indicação por 51,8% dos alunos do 1º ano e 50,8% dos

do 2º ano, para 62,6% dos inquiridos na *baseline*; a de Agir Interdisciplinarmente, que ascende da identificação por 11,7% dos alunos do 1º ano e 17,1% dos do 2º ano, para 41,5% dos inquiridos na *baseline*; a de Trabalhar em Grupo, que ascende da identificação por 24,9% dos alunos do 1º ano e 28,7% dos do 2º ano, para 41,5% dos inquiridos na *baseline*; e a de Fomentar Parcerias, que ascende da identificação por 18,8% dos alunos do 1º ano e 19,9% dos do 2º ano, para 34,1% dos inquiridos na *baseline*.

Considerando a prevalência da importância destas capacidades ao longo do exercício da profissão de Assistente Social, incluem-se no núcleo duro as capacidade de Agir Interdisciplinarmente e de Trabalhar em Grupo. Não se inclui no núcleo duro o Fomentar Parcerias e o Incentivar à Autonomia.

Relativamente a retrocessos identitários na interpretação das capacidades nucleares da profissão (Gráfico 14), verifica-se a atenuação da importância de 5 capacidades:

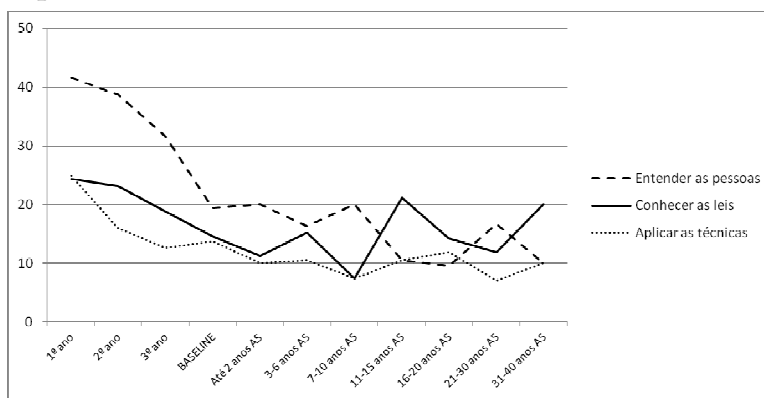


Gráfico 14. Retrocessos identitários da fase pré-profissional (NÓS - Capacidades).

a de Entender as Pessoas, que regride da identificação por 41,6% dos alunos do 1º ano e 38,7% dos do 2º ano, para 19,5% dos

inquiridos na *baseline* (esta capacidade regride ainda ao longo da carreira, a partir dos 3-6 anos - 16,4%-10,0%); a de Conhecer as Leis, que regride da identificação por 24,4% dos alunos do 1º ano e 23,2% dos do 2º ano, para 14,6% dos inquiridos na *baseline* (trata-se de uma capacidade que se revela como essencialmente de manutenção na fase profissional); a de Aplicar as Técnicas, que regride da identificação por 24,9% dos alunos do 1º ano e 16% dos do 2º ano, para 13,8% dos inquiridos na *baseline* (à semelhança da anterior, trata-se de uma capacidade de manutenção ao longo da carreira).

Verificam-se diferenças significativas entre os grupos ao nível do:

- Eixo Instrução (ANOVA; $F=2,121$; g.l.=10; $p=0,020$) a um nível de significância de 0,05. No 1º ano da faculdade, os inquiridos tendem a identificar-se com mais capacidades do Eixo Instrução que entre os 7 e 10 anos de carreira;

- Eixo Formação (ANOVA; $F=2,144$; g.l.=10; $p=0,019$) a um nível de significância de 0,05. Apesar da presente significância, não são identificadas diferenças entre os grupos (Bonferroni);

- Eixo Ação (ANOVA; $F=5,882$; g.l.=10; $p=0,000$) a um nível de significância de 0,01. No 1º ano, verifica-se uma tendência para uma menor identificação com capacidades do Eixo Ação, do que no fim da formação pré-profissional (*baseline*) e do percurso profissional até aos 15 anos de carreira e entre os 21 e 30 anos de profissão. Verifica-se uma menor tendência para identificação com

capacidades do Eixo Ação no 2º ano, do que no percurso profissional até aos 15 anos de carreira.

Não se verificam diferenças significativas entre os grupos ao nível do Eixo Relação (ANOVA; $F=0,695$; $g.l.=10$; $p=0,729$).

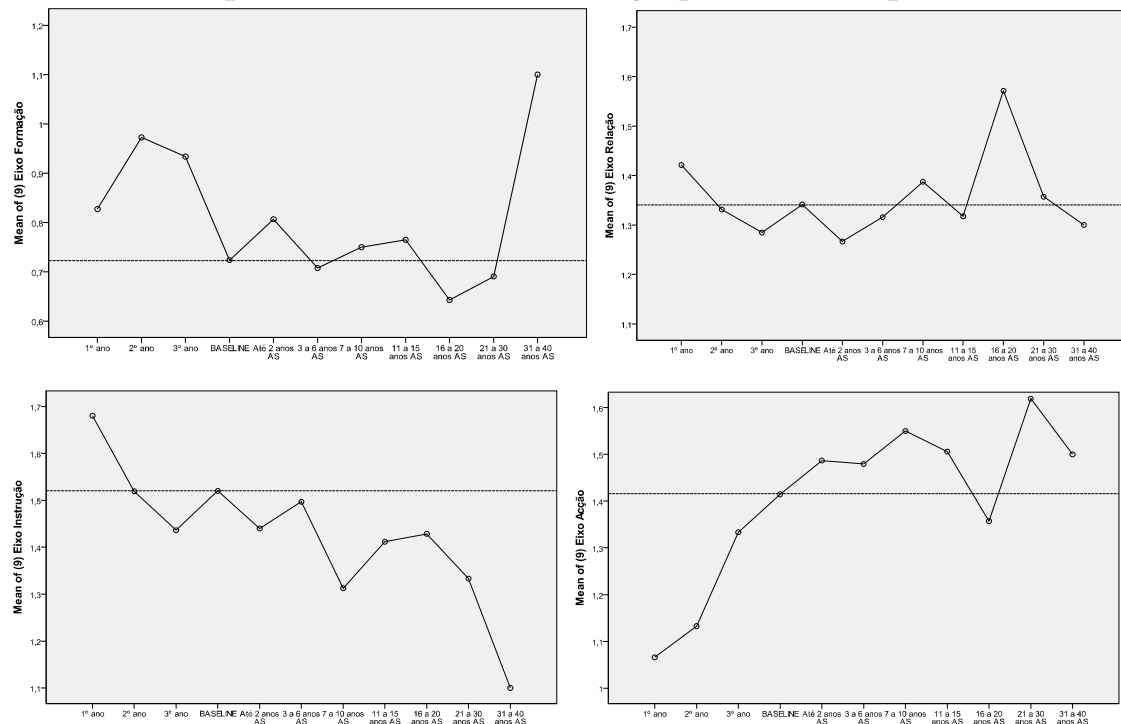
ANOVA					Post-Hoc	
Eixos	F	g.l.	p	Sig.	Grupos	Bonferroni p
Eixo Formação	2,144	10	0,019	*	---	---
Eixo Relação	0,695	10	0,729	n.s.	---	---
Eixo Instrução	2,121	10	0,020	*	7-10 anos AS – 1º ano	0,036
					BASELINE – 1º ano	0,012
					-2 anos AS – 1º ano	0,000
					- 2º ano	0,005
					3-6 anos AS – 1º ano	0,000
					- 2º ano	0,004
Eixo Ação	5,882	10	0,000	**	7-10 anos AS – 1º ano	0,000
					- 2º ano	0,008
					11-15 anos AS – 1º ano	0,002
					- 2º ano	0,029
					21-30 anos AS – 1º ano	0,004

n.s. - Não se verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,05$

* - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,05$

** - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,01$

Quadro 7. Comparação de médias entre os grupos (NÓS - Capacidades).



Gráficos 15 a 18: Evolução da posição nos eixos face à *baseline* (NÓS - Capacidades).

3.3. Eles: identidade atribuída ao cliente.

No que se refere à imagem detida acerca dos clientes, só há uma identificação maioritária e regular ao longo do ciclo de vida identitário, dado verificarem-se evoluções importantes nesta imagética ao longo do amadurecimento do profissional. Trata-se da identidade de cliente Cidadão, que não apenas nunca baixa em identificações além dos 74,6% como progride regularmente desse valor até atingir 100,0% de identificações na fase derradeira profissional. As identidades transversalmente mais recusadas são as de Companheiros e Explorados.

Na fase profissional, no que a esta dimensão respeita, destacam-se aquisições relativamente a 4 identidades (Gráfico 19):

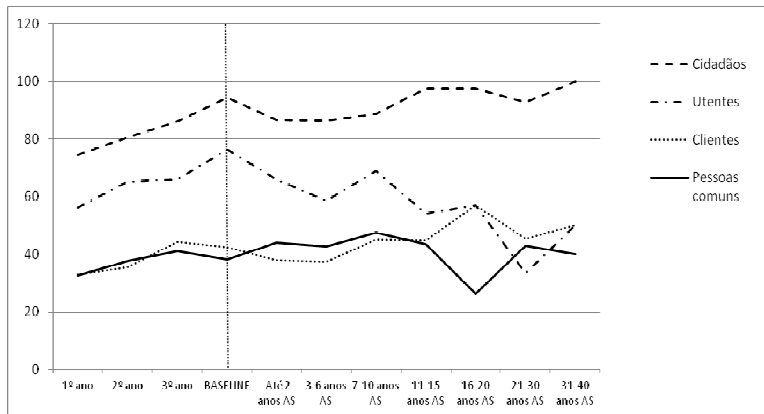


Gráfico 19. Aquisições identitárias da fase pré-profissional (ELES).

a de Cidadãos, que ascende da identificação por 74,6% dos alunos do 1º ano e 80,7% dos do 2º ano, para 94,3% dos inquiridos na *baseline*; a Utentes, que ascende da

identificação por 56,3% dos alunos do 1º ano e 65,2% dos do 2º ano, para 76,4% dos inquiridos na *baseline*; a de Clientes, que ascende da identificação por 33,0% dos alunos do 1º ano e 35,4% dos do 2º ano, para 42,3% dos inquiridos na *baseline*; e a de Pessoas Comuns, que ascende da identificação por 32,5% dos alunos do 1º ano e 37,6% dos do 2º ano, para 38,2% dos inquiridos na *baseline*.

Considerando a prevalência da importância destes conceitos ao longo do exercício da profissão e carreira de Assistente Social, incluem-se no núcleo duro somente os conceitos de Cidadãos, Clientes e Pessoas comuns. Não se inclui no núcleo duro o conceito de Utentes, na medida em que revela um retrocesso de importância entre o início de carreira e os 31-40 anos (66,0%-50,0%), regressão essa mais significativa até se considerarmos este grupo derradeiro.

Relativamente a retrocessos identitários na imagem detida acerca dos clientes (Gráfico 20), por efeito da formação pré-profissional, verifica-se a atenuação da importância de 3 identidades:

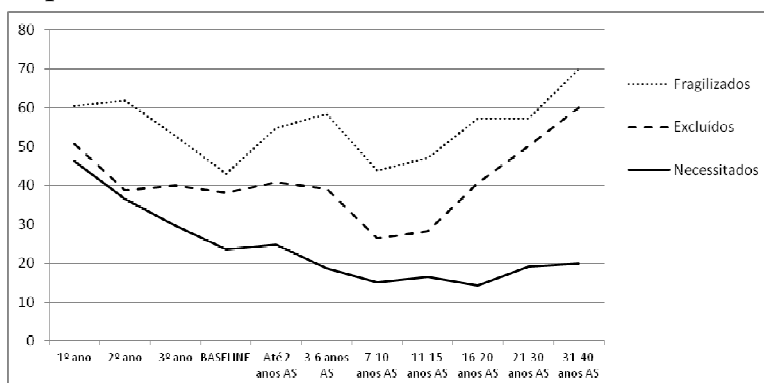


Gráfico 20. Retrocessos identitários da fase pré-profissional (ELES).

a de Fragilizados, que regride da identificação

por 60,4% dos alunos do 1º ano e 61,9% dos do 2º ano, para 43,1% dos inquiridos na *baseline* (o conceito de Fragilizado assume-se no entanto como de aquisição na fase profissional, ascendendo de 54,7% no início de carreira para 70,0% nos 31-40 anos); a de Excluídos, que regride da identificação por 50,8% dos alunos do 1º ano e 38,7% dos do 2º ano, para 38,2% dos inquiridos na *baseline*; e a de Necessitados, que regride da identificação por 46,2% dos alunos do 1º ano e 36,5% dos do 2º ano, para 23,6% dos inquiridos na *baseline*.

Eixos	ANOVA			Sig.	Post-Hoc	
	F	g.l.	p		Grupos	Bonferroni
Eixo Administrativo-Funcional	4,959	10	0,000	**	BASELINE - 1º ano	0,000
					-2 anos AS - 1º ano	0,000
					3-6 anos AS - 1º ano	0,005
					7-10 anos AS - 1º ano	0,000
					11-15 anos AS - 1º ano	0,006
					16-20 anos AS - 1º ano	0,031
Eixo Emocional-Pessoal	4,081	10	0,000	**	BASELINE - 1º ano	0,032
					3-6 anos AS - 1º ano	0,050
					7-10 anos AS - 1º ano	0,011
					11-15 anos AS - 1º ano	0,001
					- 2º ano	0,011
Eixo Integrados	1,320	10	0,214	n.s.	---	---
Eixo Excluídos	13,528	10	0,000	**	BASELINE - 1º ano	0,000
					- 2º ano	0,015
					-2 anos AS - 1º ano	0,000
					- 2º ano	0,021
					3-6 anos AS - 1º ano	0,000
					- 2º ano	0,000
					7-10 anos AS - 1º ano	0,000
					- 2º ano	0,000
					- 3º ano	0,006
					11-15 anos AS - 1º ano	0,000
					- 2º ano	0,000
					- 3º ano	0,048
16-20 anos AS - 1º ano	0,000					
- 2º ano	0,018					
21-30anos AS - 1º ano	0,002					

n.s. - Não se verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,05$

* - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,05$

** - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,01$

Quadro 8. Comparação de médias entre os grupos (ELES).

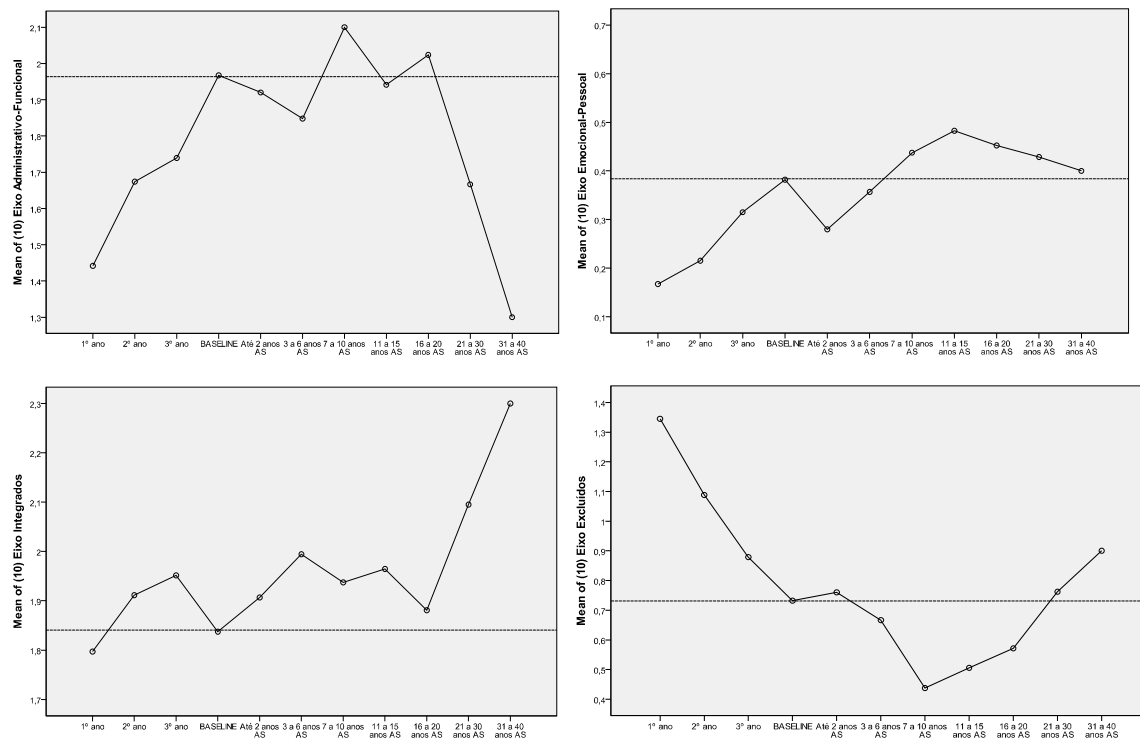
Verificam-se diferenças significativas entre os grupos ao nível dos eixos:

- Eixo Administrativo-Funcional (ANOVA; $F=4,959$; $g.l.=10$; $p=0,000$) a um nível de significância de 0,01. No 1º ano da faculdade, verifica-se uma menor tendência para identificar os destinatários do ponto de vista administrativo-

funcional, que no final do período de formação pré-profissional e ao longo do percurso profissional, até aos 20 anos de carreira.

- Eixo Emocional-Pessoal (ANOVA; $F=4,081$; $g.l.=10$; $p=0,000$) a um nível de significância de 0,01; No 1º ano da faculdade, verifica-se uma menor tendência para identificar os destinatários do ponto de vista emocional-pessoal, que entre os 3 e os 15 anos de carreira. No 2º ano da faculdade, verifica-se uma menor tendência para identificar os destinatários do ponto de vista emocional-pessoal, que entre os 11 e os 15 anos de carreira.

- Eixo Excluídos (ANOVA; $F=13,528$; $g.l.=10$; $p=0,000$) a um nível de significância de 0,01. No 1º ano da faculdade, verifica-se uma maior tendência para identificar os destinatários do ponto de vista de excluídos, do que entre o final do período pré-profissional (*baseline*) e ao longo do percurso profissional, até aos 30 anos de carreira. No 2º ano da faculdade, verifica-se uma maior tendência para identificar os destinatários do ponto de vista de excluídos, do que entre o final do período de pré-profissionalização (*baseline*) e ao longo do percurso profissional, até aos 20 anos de carreira. No 3º ano da faculdade, verifica-se uma maior tendência para identificar os destinatários do ponto de vista de excluídos, do que entre os 7 e os 15 anos de carreira.



Gráficos 21 a 24: Evolução da posição nos eixos face à *baseline* (ELES).

3.4. Discussão das conclusões.

No que respeita à identidade própria, integram o núcleo duro identitário dos Assistentes Sociais três papéis: o de Dinamizador, o de Empreendedor e o de Facilitador. Há dois papéis cuja recusa se incrementa de modo cada vez mais veemente ao longo do ciclo de vida identitário: o de Humanista e o de Cuidador, claramente ligados aliás, note-se, aos perfis do Serviço Social pré-

moderno. A autodefinição passa notoriamente pelo dinamismo, enquanto que a ajuda passa essencialmente pelo *Empowerment*, como fica especialmente claro no tipo de valores e capacidades valorizados. Há uma tendência geral de queda do Eixo Cuidador (contrário ao autocuidado que emerge da concentração não na ação mas na facilitação) assim como tende a regredir o Eixo Técnico-Científico. Os Assistentes Sociais identificam-se mais com a Ação que com o Saber e mais com o Apoio à Autopromoção que com a Intervenção Curativa. Poder-se-ia falar quase de uma qualidade fisioterápica da identidade que os Assistentes Sociais se auto-atribuem: fazer mais que saber; movimentar mais do que acamar; incentivar ao movimento mais que oferecer um comprimido.

Quanto ao “nós”, isto é, quanto à identidade coletiva, integram o núcleo duro identitário em sentido valorativo a Responsabilidade na Ação e a Atualização Técnica Constante, que ganham relevância num caminho que vai tendendo a fazer revelar perdas no Eixo Relação-Cliente que são essencialmente compensadas por aquisições no Eixo Funcional. A conclusão por este sentido compensatório é aliás reforçada quando olhamos para as perdas mais significativas e regulares pós-*baseline*: as que ocorrem em Dedicção ao Cliente e em Orientação Empática. O caminho da maturação profissional parece pois ser, no que aos valores respeita, o caminho de se valorizar crescentemente a correção no trabalho (centração nos princípios funcionais abstratos) em detrimento da valorização humana (desvalorização progressiva não apenas da orientação caritativa, mas também da humanista).

Quanto às capacidades nucleares do Assistente Social, destacam-se as que melhor se ligam à ideologia prática do *Empowerment*, verificando-se também uma orientação da classe para fora de si mesma, que se traduz bem nas duas características identificadas como integrando, a este respeito, o núcleo duro identitário: o Agir Interdisciplinarmente e o Fomentar Parcerias. Ao longo do ciclo de vida da identidade profissional ocorre outra substituição essencial: uma perda progressiva da identificação com capacidades do Eixo Instrução à medida que se incrementa a identificação com capacidades do Eixo Ação, o que surge em coerência com a tendência regressiva das identificações próprias feitas no âmbito do Eixo Técnico-Científico. Quanto às regressões mais significativas identificadas no âmbito da dimensão capacidades nucleares, merece destaque uma: ocorre a perda progressiva da importância associada à capacidade de Entender as Pessoas, o que é também coerente com o já referido retrocesso do humanismo.

Quanto ao “eles”, nomeadamente ao destinatário dos serviços do Assistente Social, nota-se a predominância, com entrada no núcleo duro identitário, dos perfis de Cidadão, Cliente e Pessoa Comum. É forte a tendência de substituição do Eixo Excluídos pelo Eixo Integrados, sendo especialmente forte essa aquisição na fase pré-profissional. Não é contudo verdade que essa linha tendencial perpassa a totalidade dos grupos de antiguidade profissionais, pois ocorre uma inversão genérica dos padrões entre os Assistentes Sociais mais antigos, o que pode ser mais efeito geracional do que resultado, em absoluto, de efeitos diretamente trazidos pelo maior número de anos de experiência.

Atrás referimos possuir neste estudo um objetivo global e um específico, sendo o primeiro de tipo essencialmente descritivo. Os resultados referentes à investigação em torno do primeiro objetivo são, em supersíntese, os seguintes:

1. Os Candidatos a Assistentes Sociais e os Assistentes Sociais definem os Assistentes Sociais maioritariamente como Interventores, Profissionais e Dinamizadores. Com a formação inicial ocorre a aquisição dos seguintes traços persistentes ao longo de todo o ciclo de vida identitário: Empreendedor, Dinamizador e Facilitador. Verifica-se que a espinha dorsal da identidade dos Assistentes Sociais não está na Ciência ou no Cuidado, mas sim na Ação.

2. Os Candidatos a Assistentes Sociais e os Assistentes Sociais reúnem-se transversalmente na importância que dão aos valores de Motivação para a Mudança, Profissionalismo na Conduta e Respeito pela Diferença e às Capacidades de Saber Diagnosticar a Situação e Incentivar à Autonomia. Com a formação inicial ganha lugar a identificação persistente ao longo de todo o ciclo de vida identitário com os valores Responsabilidade na Ação e Atualização Técnica Constante e com as capacidades Agir Interdisciplinarmente e Incentivar Parcerias. Verifica-se na profissão um Caráter Aberto e uma Orientação para a Facilitação Cooperativa quer para com o Cliente, quer para com as restantes Especialidades Científicas e Técnicas de cariz psicossocial, bem como para com as Instituições onde o serviço profissional é prestado.

3. Transversalmente, quer se trate de Candidatos a Assistentes Sociais ou de Assistentes Sociais, há a reunião em torno do consenso de que se servem Cidadãos. Ao longo da formação ganham importância os papéis de Utente, Cliente e Cidadão Comum à medida que regridem os identificados com o eixo da exclusão social, posicionando-se assim os Assistentes Sociais como uma potência para toda a sociedade mas também como uma ocupação que extirpa ao longo do seu ciclo de vida identitário o pendor caritativo, humanista e humanitarista da sua ação para o substituir por um pendor funcional, o que faz relevar uma certa contradição disposta no facto de o Assistente Social ao longo da sua maturação afastar de si a identificação técnica, à medida que se extirpa também da humanista. Trata-se de uma contradição que se sana contudo num ideal de accionalismo (ativismo) tecnicamente orientado. Não é da orientação técnica *stricto sensu* que o Assistente Social se parece apartar ao longo do ciclo de vida identitário, mas de uma orientação técnica imobilista que tende a associar aos cientistas, aos investigadores e aos técnicos de pendor burocrata.

Quanto ao segundo objetivo que demos a esta análise, é de destacar mostrarem os nossos dados que são consideráveis os níveis de “retrocesso identitário profissional”, isto é, que há uma renegociação relevante das aquisições identitárias consolidadas ao longo da fase pré-profissional, ainda que indiquem ao mesmo tempo que existe um grupo nuclear de aquisições que tendem à prevalência e que se identificam no núcleo duro identitário. Parece que há aquisições identitárias determinantes realizadas na fase pré-profissional (nomeadamente as ligadas à Orientação Ação e à substituição da identificação do cliente do Eixo Excluídos para o Eixo Integrados) e que isso contribui substancialmente para validar a importância maior desta fase face às restantes em sentido identitário. Ainda assim, há inversões identitárias relevantes que na

nossa amostra se situaram genericamente a meio da carreira profissional que mereceriam análise adicional.

Resultados como aqueles que alcançámos (na sua qualidade simultaneamente concentrada e dispersa) validam claramente quer o interesse da exploração identitária microssociológica quer mesossociológica, pois se é certo que o padrão existe e um núcleo identitário claramente delimitado e persistente se identifica, também é certo que a análise agregada conduzida ao nível do grupo não explica a elevada variação individual e a aparente ausência de padronização ao nível de diversos traços, perfis e atributos.

REFERÊNCIAS:

- ABBOTT, Andrew (1988) – The System of Professions: an Essay on the Division of Expert Labor. Chicago: University of Chicago Press.
- AMARO, Maria Inês (2009) – Identidades, Incertezas e Tarefas do Serviço Social Contemporâneo. Locus Soci@l. [Em linha]. Lisboa. ISSS 1647-1431. 2 (2009) 29-46. [Consult. 11 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: http://www.locussocial.cesss-ucp.com.pt/page6/files/artigo-007c-paper-amaro_ls00232.pdf >.
- BRANCO, Francisco (2009) – Assistentes Sociais e Profissões Sociais em Portugal: Notas sobre um Itinerário de Pesquisa. Locus Soci@l. [Em linha]. Lisboa. ISSS 1647-1431. 2 (2009) 7-20. [Consult. 11 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: http://locussocial.cesss-ucp.com.pt/page6/files/artigo-007c-paper-branco_ls00232.pdf >.
- BRANCO, Francisco e Ernesto Fernandes (2005) – O Serviço Social em Portugal: Trajectória e Encruzilhada. [Em linha] Lisboa. [Tradução: Michel Binet]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.cpihts.com/Nova%20pasta/SS%20Portugal.pdf>>. Originalmente publicado em Branco, Francisco e Ernesto Fernandes – Le service social au Portugal: trajectoire et enjeux. in Jean-Pierre Deslauriers e Yves Hurtubise (dir.) Le travail social international. Éléments de Comparaison. Sainte-Foy: Les Presses de l' Université Laval. 165-186.
- DUBAR, Claude (1992) – La Socialisation: Construction des Identités Sociales et Professionnelles. Paris: Armand Colin.
- DUBAR, Claude (1992) – Formes identitaires et socialisation professionnelle. Revue française de sociologie. [Em linha]. Paris. ISSN 0035-2969. 33-4. (1992) 505-529. [Consult. 15 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.jstor.org/pss/3322224>>.
- DUBAR, Claude (1998) – Trajectoires Sociales et Formes Identitaires: Clarifications Conceptuelles et Methodologiques. Sociétés Contemporaines. [Em linha]. Paris. ISSN 1950-6899. 29. (1998) 73-85. [Consult. 15 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/socco_1150-1944_1998_num_29_1_1842>.
- FONSECA, Maria de Lurdes (2008) – Profissionalização do Exército e Envolvimento Político dos Militares durante a I República Portuguesa. Lisboa: ISCSP-UTL. Tese de Doutoramento em Ciências Sociais na Especialização de Sociologia.

- FRAYSSE, Bernard (2000) – La saisie des représentations pour comprendre la construction des identités. Revue des sciences de l'éducation. [Em linha]. Montréal. ISSN 1705-0065. 26-3 (2000). 651-676. [Consult. 7 Out. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.erudit.org/revue/rse/2000/v26/n3/000294ar.pdf>>.
- FREIDSON, Eliot (1986) – Professional Powers: A Study of the Institutionalization of Formal Knowledge. Chicago. University of Chicago Press.
- FRIEDMANN, Georges e Pierre Naville (eds.) (1961-2) – Traité de sociologie du travail. Paris: Armand Colin. Tomo I – 1961, Tomo 2 – 1962.
- GAULEJAC, Vincent de (2002) – Sociologues en Quête d'Identité. Cahiers internationaux de sociologie. [Em linha]. Paris. ISSN 0008-0276. 111 (2001/2). 355-362. [Consult. 23 Set. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.cairn.info/revue-cahiers-internationaux-de-sociologie-2001-2-page-355.htm>>.
- LARSON, Magali Sarfatti (1977) – The Rise of Professionalism: A Sociological Analysis. Berkely: University of California Press.
- MARGARIDO, Cristóvão e Ricardo Vieira (2007) – Trajectórias Pessoais e Identidade(s) Profissionais: o caso dos Assistentes Sociais. Actas do III Congresso Internacional da Agir – Associação para a Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural. [Em linha]. Cabeceiras de Basto. 13 e 14 de Julho de 2007. 91-104. [Consult. 10 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://ciid.ipleiria.pt/wp-content/uploads/2008/10/cm.pdf>>.
- PASSARINHO, Isabel (2008) – Assistente Social – Percursos e Construção Identitária. Sísifo. Revista de Ciências da Educação. [Em linha]. Lisboa. ISSN 1646-4990. 6 (2008) 21-34. [Consult. 10 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://sisifo.fpce.ul.pt/?r=17&p=21>>.
- PASSARINHO, Isabel (2009) – A importância dos percursos profissionais na formação contínua e nas construções identitárias dos assistentes sociais. Intervenção Social. Lisboa. ISSN 0874-1611. 35 (2009) 368-388.
- SILVA, Ana Maria Costa e (2004) – Percursos de Formação e Identidade(s): Um Estudo junto de Assistentes Sociais. Actas do VI Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia. [Em linha]. Braga. 573-574. [Consult. 12 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/572/1/MariaCostaSilva.pdf>>.
- WELBOURNE, Penelope (2009) – Social Work: The Idea of a Profession and the Professional Project. Locus Soci@l. [Em linha]. Lisboa. ISSN 1647-1431. 3 (2009) 19-35. [Consult. 11 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: http://www.locussocial.cesss-ucp.com.pt/page7/files/artigo-007c-paper-welbourn_ls_00233.pdf>.